O MUTIRÃO

PERIÓDICO ANARQUISTA OUT/NOV Nº 4

MILITARISMO NÃO!

Tcheco-Eslováquia, 1990

A gigantesca indústria bélica produzindo sem parar armas caríssimas que ameaçam a própria existência da Humanidade e mantém irresponsáveis fardados. A grande questão que precisamos levantar à sociedade é: Quem decide o quanto se gasta em armamentos no mundo? Para quê precisamos de indústrias bélicas? Enfim, como deter a produção milionária de artefatos militares?

O movimento anarquista se solidariza com todas as forças verdadeiramente anti-militaristas. Acreditamos que o socialismo muito mais que um programa econômico - é uma filosofia de emancipação do povo, imcompatível com a insanidade militar. Propomos garantirmos a paz entre os trabalhadores de todo o mundo, e a greve geral perante qualquer declaração de guerra pelos governantes.

Aos trabalhadores só há uma postura coerente em relação aos militares: oposição aberta e irrestrita. Não há como avançar para uma sociedade igualitária com qualquer força militar estabelecida. Da juventude só se espera uma atitude: engajamento imediato na luta anti-militar.

CONFLITO AGRÁRIO

Chico Lan e Manoel Barbosa, do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Cabo Frio, Dona Rose e seu Valdir e o religioso Manoel Oscar estão recebendo constantes ameaças de morte, já há cerca de seis meses. Defender a vida destes companheiros é responsabilidade de todos nós, ativistas sociais.

Entendemos ser a única forma de garantir as vidas destes camponeses, o engajamento dos movimentos populares, sindicais e libertários, pela imediata retirada dos grileiros da Fazenda Campos Novos com o posterior assentamento das famílias dos posseiros.

Precisamos já:

– Denunciar os conflitos de Campos Novos, e as ameaças aos camponeses para o máximo de entidades populares e sindicais de todo o país, sensibilizando-as quanto à responsabilidade coletiva, na defesa de cada trabalhador;

– Procurar formas de solidariedade prática, sobretudo entre as organizações camponesas, como visitas programadas, apoio financeiro, manifestações públicas e divulgação permanente do conflito;

– Avançar da solidariedade espontânea e localizada, para uma organização permanente de defesa popular, que unifique a resistência e mobilize recursos e esforços constantes contra os atentados aos trabalhadores.Precisamos nos emancipar da cruel dependência da "boa vontade" das autoridades;

– Fortalecer as mobilizações e organizações camponesas, animadas pelos princípios socialistas, federalistas e autogestionários.

As cidades do interior do Rio, como Cabo Frio, ficam isoladas na luta social. É preciso desenvolver um amplo movimento de criação de núcleos anarco-sindicais. Somarmos nossos esforços por uma vida melhor e justa para todos. Levar a imprensa anarquista a todos os municípios do Rio, é uma das formas de começarmos a construir este objetivo federalista e libertário. Partcipe desta luta divulgando e distribuindo **O Mutirão** em sua cidade.

HISTÓRICO DA LUTA EM CABO FRIO

A Fazenda Campos Novos, por volta de 1880, pertencia aos jesuítas. Já era então ocupada por filhos de escravos e trabalhadores de outras localidades. A fazenda foi vendida várias vezes, mas as ocupações permaneceram.

Em 1969, desapareceu a família de Manoel Mangueira, um dos posseiros, acirrando o conflito pela ocupação total da fazenda. A melhoria da organização do movimento, veio acompanhada da ampliação da violência contra os posseiros. Por esta época, vindo do Espírito Santo, chegou Sebastião Lan. Combativo ativista rural, auxiliou nas criações dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais de São Pedro D Aldeia, em 1972, e de Cabo Frio, em 1978.

A resistência e persistência dos posseiros, conseguiu que parte da fazenda (3.203ha) fosse desapropriada, em 1983. Porém, os trabalhadores nem tiveram como festejar a conquista: a área foi tomada por grileiros, frente à conivência do INCRA e omissão da Justiça. Esta conquista representou muito sangue de camponeses. Mais de dez foram assassinados em razão da disputa.

Com 60% da área em mãos dos grileiros, e o restante em posse dos camponeses, a fazenda transformou-se num barril de pólvora. Em 1988, morreu Sebastião Lan num dos vários atentados e assinatos naquele ano.

Com a continuidade da luta por parte do Sindicato, tentando a retirada dos grileiros já identificados pelo INCRA, os despejos começaram em março de 1990. Contudo, os processos simplesmente pararam, e os grileiros já retomaram a área, com títulos de autorização cedidos pelo próprio INCRA, legitimando a grilagem na fazenda.

EDITORIAL

Finalmente aqui está o número 4! Trabalho árduo, dificuldades financeiras. Mas é real: o grupo **Mutirão funciona em autogestão.** Da prática de ação direta cotidiana partem para o papel as letras, as palavras, as frases.

Melhoramos a qualidade gráfica. Aumentamos o número de páginas. Aprendemos individualmente com cada dificuldade superada. Crescemos a cada dia na construção e prática da **autogestão.** Ardente dentro do peito o tesão de gritar para o mundo:
Anarquia funciona hoje!

Na divisão de tarefas, na produção em conjunto de cada matéria, na tomada de cada decisão. Na participação aberta para todos do Movimento Anarquista, nos tornando a voz de uma prática federativa. A voz dos centauros-sem-cabeça, dos inimigos do papa e dos governantes. Nos vemos instrumento de intervenção direta no cotidiano, mostrando coisas que mamãe nunca viu, papai nunca falou!

Negamos a pátria, sentindo na pele a repressão dessa puta traidora. Negamos o patrão, sentindo nas costas as marcas em carne viva do chicote. Empunhamos bandeiras negras de luto, pelas crianças que morrem a cada minuto, em decorrência da fome; bandeiras vermelho-sangue, derramado nas lutas pela libertação. Negamos as ditaduras, conscientes de que elas estão aí, vivinhas e baixando porrada.

Como quem diz: *Eu não falei?* olhamos para os partidos e sindicatos falidos ética e moralmente; e gritamos poeticamente que temos um objetivo nenhuma fórmula, nenhum dogma, nenhuma teoria mágica. Temos várias opções de práticas cotidianas, práticas libertárias.

Sem caminho traçamos nosso caminho, a cada passo do constante revolucionar das ações, relações pessoais, produções coletivas, crescimentos individuais. A plenos pulmões gritamos: **Viva a Anarquia aqui e agora!**

ASSINE O MUTIRÃO

UM ANO (seis exemplares) Cr$ 1200,00
Envie-nos seu nome e endereço postal junto com o recibo de depósito do valor na conta 5383522-8 agência 1542 Bradesco

Correspondência:
Caixa Postal 126049
CEP 24240 - Niterói RJ

EXPEDIENTE

Redação, diagramação, arte-final e revisão:
Grupo MUTIRÃO

Editoração e composição:
ALOE Informática

ACONTECEU NO CEL

O Círculo de Estudos Libertários/RJ promoveu nos meses de agosto e setembro vários debates. Os temas, muito concorridos e com ampla discussão foram: Comunicação Popular, Autogestão, 70 anos de Kronstadt, Reich e autogetão e o Quilombo de Palmares, entre outras atividades. O CEL é um círculo de debates permanente e mantém uma programação variada. Venha participar às terças às 20:00h na sala 5 da Escola Senador Corrêa na Praça São Salvador em Laranjeiras - Rio

PROGRAMAÇÃO DE OUTUBRO

01/10 - Drogas: Liberdade e Escravidão

08/10 - Experiência Comunitária: Vila do João e Conjunto Esperança

15/10 - Feminismo Libertário

22/10 - Revolução Espanhola

29/10 - Movimento Punk: Origens e Atualidade

VÍDEO -DEBATE

O Grupo LUDENS e o Clube de Cinema estão promovendo um ciclo de Vídeo-Debates sobre o cotidiano e o poder nas sociedades modernas. A programação de outubro é:

09/10 - *Laranja Mecânica* Direção: Stanley Kubrick.
Em debate: O Estado e o monopólio da violência física legitimada.

23/10 - *Querem me enlouquecer* Direção: Martin Ritt
Em debate: Os loucos são loucos, os normais são os outros, e nós?

Local: Clube de Cinema Rua Visconde de Pirajá, 303/lj 317, Ipanema
Horário: 20:00 h
Informações: 521-3597.

IMPRENSA LIBERTÁRIA

- *A Voz do Trabalhador* - órgão oficial da **COB**
  Caixa Postal: 5036 - CEP: 90051 - Porto Alegre - RS
- *Libera...Amore Mio* - boletim informativo do Círculo de Estudos Libertários do RJ
  Caixa Postal: 14576 - CEP: 22420 - Rio de Janeiro - RJ
- *Subversivo* - aperiódico anarquista
  Caixa Postal: 105 - CEP: 09000 - Santo André - SP
- *Maioria Falante* - periódico contra o racismo e a discriminação
  Rua da Lapa, 200/808 - CEP: 20021 - Rio de Janeiro - RJ
- *Cancrocítrico* - periódico alternativo
  Caixa Postal: 1992 - CEP: 86001 - Londrina - PR

GAAD PROMOVE SEMANA LIBERTÁRIA

Organizada pelo GAAD, Grupo Anarquista Ação Direta, aconteceu na UERJ, a Semana Libertária, entre os dias 19 e 25 de agosto.

O evento contou com a participação do Grupo Ludens, mostra de vídeos, debate sobre AIDS, mov. estudantil e antimilitarismo, este com a participação de Jaime Cuberos, do Centro de Cultura Social de São Paulo.

A Semana foi concluida com uma passeata antimilitarista.

Este tipo de evento, voltado para a divulgação das idéias anarquistas, junto com o ciclo permanente de discussões do CEL, amplia bastante a presença dos argumentos autogestionários na vida política e social do Rio de Janeiro.

O momento é próprio para as propostas anarquistas de **ação direta** e **autogestão**, e cabe ao Movimento Libertário levar estas idéias à população e mobilizá-la em suas próprias organizações.

O Movimento Anarquista se constitui numa opção política real, a todos aqueles que assumam perante sua própria consciência, um compromisso com a construção de uma sociedade socialista libertária.

EXPULSOS DO CAMPO DENUNCIAM

Procurando fazer do MUTIRÃO um espaço de expressão política dos próprios trabalhadores, estamos publicando uma denúncia dos posseiros da Fazenda Maniçaba, município de Esperança, Paraíba.

"Somos 22 famílias que há um ano e meio trabalhamos na área. Tivemos uma colheita, em 1990, de 440 sacas de fava, feijão, milho e 40 mil pés de roça. Em maio de 1990 o proprietário, Edmilson Nicolau, fez o primeiro despejo das 22 famílias, destruindo nossos barracos. Voltamos, como posseiros, a trabalhar na terra. No mês de fevereiro de 1991, o proprietário, com 180 policiais, de novo destruiu todas as 22 barracas. Os policiais apreenderam foices, machados, facas; destruíram toda a roça e queimaram a semente que estava reservada para o plantio desse ano, destruíram todo plantio de mamão, manga e cajú. Como posseiros, voltamos a plantar na terra, sendo expulsos pela terceira vez em março pelo 2º Batalhão da Polícia Militar, de Campina Grande; destruíram todos os barracos, levaram o restante das ferramentas e prenderam um dos posseiros, menor de idade, agredindo física e moralmente o mesmo. Desta vez o proprietário colocou o gado que está destruindo toda plantação. Depois da terceira expulsão dos posseiros, o fazendeiro Nicolau colocou pistoleiros dentro da área(...) Queremos providências urgentes nos seguintes pontos: desapropriação imediata da Maniçaba, devolução das ferramentas, indenização de toda a plantação destruída, lonas e sementes queimadas, retirada imediata dos jagunços.

IGREJA USA CAMINHADA PARA AUTO-PROMOÇÃO

No dia 18 de agosto realizou-se, no mutirão da Conquista, em Valença, a 5ª Romaria pela Terra, patrocinada pela CPT (Comissão Pastoral da Terra). O evento reuniu milhares de trabalhadores rurais vindos de diversas cidades do Rio, mobilizando grande número de entidades populares.

Quem vai a um evento como este não pode deixar de perceber a absoluta liderança da Igreja Católica no movimento camponês. A presença da bandeira negra anarquista propiciou uma maior popularização de nosso movimento. Grande foi o número de pessoas que nos procuraram, conversaram e levaram exemplares deste jornal. Destacamos o contato com o grupo afro **Mensageiros Bantu**, de Valença.

A infra-estrutura foi de "causar inveja": mais de cem ônibus de carreira chegaram dos mais variados pontos do estado. Todos com membros da CPT, trazendo passageiros listados previamente nas paróquias. Durante o ato, a maioria dos dircursos foi feita por religiosos leigos ou membros do Clero.

Com este tipo de atuação, a CPT tenta imprimir no movimento camponês um caráter religioso. Procura fazer da Reforma Agrária uma luta "do povo de Deus", uma cruzada evangélica em busca da terra prometida. Falam que "uma terra ocupada se torna uma terra santa", mesmo sendo o Vaticano um dos maiores latifundiários do mundo.

Não se deixe enganar, camponês! Esta conversa religiosa não tem nada a ver com a luta por terra e liberdade. Não precisamos procurar justificativas para a Reforma Agrária na Bíblia. Muito menos nas Constituições ou qualquer outro livro. Encontraremos, certamente, em nossas próprias experiências pessoais e comunitárias. Faremos a Reforma Agrária porque temos a consciência da justiça e é esta a nossa decisão. Não porque a igreja diz. Não se trata, em absoluto, de um povo escolhido e, sim, de todos nós: cristãos, espíritas, budistas, muçulmanos, umbandistas ou ateus. De todo este continente latino explorado desde a invasão européia. Dominado pelos latifundiários, militares, governantes, patrões e outros parasitas. Necessitando ser libertado por todos os trabalhadores dos campo e da cidade.

O clero fala tanto em terra santa e povo escolhido – entenda-se somente os que seguirem a Igreja – apenas porque necessita justificar seu controle sobre o movimento camponês. Precisa tê-lo sob sua influência e, para isto, faz todo tipo de assistencialismo. Distribui comida e roupas, constrói sedes e escolas, mobiliza pessoas. É claro que toda esta caridade é feita com o que consegue retirar do próprio povo em suas pregações.

Apesar dos esforços da Igreja, seu predomínio sobre os camponeses é muito mais embasado em seus serviços assistencialistas, que na fidelidade religiosa do povo. Com sua infra-estrutura milionária, seus quadros de militância profissional e sua influência política, ela consegue angariar a simpatia dos que lutam pela terra.

Não mover um dedo em solidariedade ao Ato das Caixas Vazias – que realmente incomodou os poderosos – e gastar energia num evento longe dos centros urbanos, prova uma indisfarçável auto-promoção. Uma necessidade de mostrar-se útil e, principalmente, manter-se viva em disputas com as fanáticas seitas pentecostais.

Chegamos à conclusão de que é um grande erro confiar as lutas pela terra aos religiosos e partidos políticos. Devemos criar organizações fortes e autônomas. Só assim não estaremos a reboque de entidades de caridade. Podemos praticar a solidariedade entre as comunidades por nós mesmos. Autogerindo nossas lutas, conscientizando a população sem ter que apelar para para bíblias ou opções religiosas.

O que está faltando para que sua comunidade tenha um núcleo dedicado à Reforma Agrária, e à defesa dos interesses populares? Nós anarquistas só acreditamos na **Livre Organização Popular.**

ORGANIZE-SE!

MANIFESTAÇÃO CAMPONESA NA CINELÂNDIA

A Comissão Estadual de Assentamentos Rurais, formada por camponeses experientes em ocupação de terras, organizou um ato público de protesto contra o absoluto abandono por que passam os pequenos produtores rurais do Rio de Janeiro.

Durante o evento, ocorrido no dia 25 de julho, na Cinelândia, caixas vazias foram expostas à população, simbolizando a ausência de produção agrícola. Vários camponeses denunciaram ao povo a violência no campo, a carência de financiamentos, a dependência agrícola do Rio, que importa quase todos os alimentos que consome. Apontaram, mais uma vez, o êxodo rural que esvazia o campo e incha as favelas. Mostraram que a luta pela libertação do campo não pode se restringir à conquista da terra. Deve ser uma transformação radical.

O evento primou pela organização, contando com vídeos, murais, fotos e panfletos. Técnicos agrícolas estiveram presentes e expuseram as dificuldades dessa profissão tão desvalorizada, mesmo sendo responsável pelo aumento da produção de alimentos.

Um grupo de anarquistas, com bandeiras e material de divulgação, foi o único a participar e se solidarizar com os esforços dos camponeses. Partidos e seus comparsas primaram pela total ausência.

O que constatamos neste ato das Caixas Vazias foi a dificuldade de mobilização dos camponeses fluminenses. Apenas algumas dezenas de trabalhadores estiveram presentes nesta manifestação de tanta importância. Enquanto isso, milhares participaram de uma romaria religiosa "pela terra", num distante lugarejo do interior. Imaginemos esta multidão na capital do estado, exigindo terra e liberdade. Isto só acontecerá quando o movimento camponês estiver estruturado com autonomia. **Pense nisto, camponês. Pense e se organize!**

BASTA DE TRIBUNAIS!

Clemente Almeida de Souza, assassino de pelo menos cinco posseiros e a filha de um deles, de sete anos de idade. Isso em Terra Nova, município de Peixoto de Azevedo, MT. Seu latifúndio está ocupado por 120 posseiros, já há oito anos. A polícia só prendeu um jagunço, até que esta chacina obrigou o juíz a disfarçar sua conivência, já que o *meretíssimo* frequentava churrascos na fazenda do assassino. Não existem provas suficientes , é a alegação. A própria polícia já entrou a tiros, na gleba, em março, queimando casas e a colheita de arroz, prendendo e torturando dez posseiros.

Até quando a polícia e os tribunais continuarão a ser chamados de "mediadores dos conflitos sociais"? O Estado é e sempre será opressor e explorador dos trabalhadores. Seus juízes são nocivos, inimigos do Socialismo Libertário. Por mais que os partidos políticos tentem acobertar a imagem destes "justos", dando exemplos de "juízes amigos", devemos ter clara a função hierárquica do Poder Judiciário. Um ou outro caso de punição de patrões, só ratifica e reforça, na mente do povo, a autoridade absoluta dos tribunais sobre a vida de todos nós. Só alimenta inúteis esperanças de que os tribunais imporão um absurdo "capitalismo justo".

Os partidos nunca denunciam a dominação do Judiciário sobre os trabalhadores, pois dele necessitam, a partir do momento que estejam no poder.

Façamos justiça nós mesmos, através das organizações populares. Basta de tribunais!

SOBERANIA POPULAR OU
SUPREMACIA MILITAR?

De todas as corporações humanas criadas pelos proprietários, de todos os mecanismos de opressão que o Estado impõe, de todos os autoritários sistemas de valores da ordem capitalista, não há nada mais abjeto, corrupto e inútil que o MILITARISMO.

Vender sua dignidade, orgulhar-se de sua resignação canina diante de um superior hierárquico ou, gozar a tara de manipular subalternos; abdicar da liberdade que só os homens podem conquistar com o raciocínio; enaltecer a padronização estúpida, que faz do conjunto de seres humanos uma engrenagem mecânica; afogar a fraternidade *universal em prol* da febre genocida do NACIONALISMO.

As Forças Armadas sempre foram tidas como defensoras do povo. Segundo os generais de múltiplas estrelas, a classe militar é a garantia da *Soberania Popular*. Afirmam que quanto maior e mais poderosa for a classe militar, mais soberano é o povo.

Será que há algum cabimento nisto? Os militares constituem-se num segmento social distinto, pois possuem suas próprias necessidades, portanto seus próprios interesses. O que leva alguém a pensar que toda uma gigantesca corporação se sacrificaria por seu povo? O que levaria um líder militar a arriscar a própria vida, pela soberania de sua empregada doméstica, seu porteiro ou do operário da esquina?

Talvez num exército popular? Revolucionário? Vermelho, quem sabe?

A propaganda militar afirma que "as forças estão aí para integrar e defender a nação". Mas o seu único papel é a repressão interna. Entregar o poder de vida ou morte nas mãos de alguns generais, e esperar destes qualquer espírito de sacrifício pelo povo, é uma mentira.

Para garantir a lealdade hierárquica, o comando militar fará tudo para conquistar o poder, privilégios e satisfação material para os seus pares. E com a lealdade das tropas garantida nada deterá seus instintos autoritários e suas ambições econômicas.

As Forças Armadas se dedicam a corromper a personalidade dos adolescentes que, obrigados a ingressar em suas decrépitas instituições, submetem-se para a honra e glória de seus pais. Em troca, talvez tenham soldo e um futuro ocioso, para glória do Estado.

O que dizer da supremacia tecnológica militar? O Estado designa fortunas para os institutos tecnológicos militares, enquanto asfixia financeiramente as universidades. O controle de conhecimentos científicos, é uma forma eficiente de concentrar poder sobre a sociedade, independente dos sabores ideológicos dos parlamentares.

E quanto aos senhores das guerras, as poderosas multinacionais da morte legalizada? O Brasil "orgulhosamente" faz parte dos que mercantilizam artefatos da morte, como se fossem brinquedos nas mãos de fanáticos chefes militares como na Guerra do Golfo, onde nossos carros de combate estiveram presentes, para defender a "democracia iraquiana". O requintado arsenal bélico, que nossa "heróica" pátria produz, ocupa lugar de destaque nas pautas de exportação. Seria melhor utilizar tais recursos na melhoria da qualidade de vida.

UM PROTESTO NO SEXTO ANO DE CHIEN FU

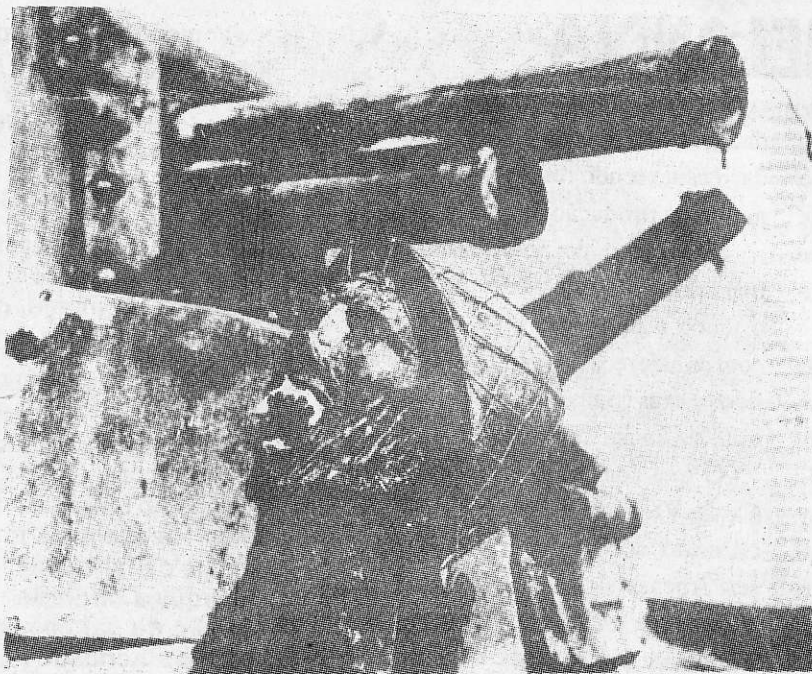
Os rios e morros da planíci
Transformais em vosso campo de
Como, pensais, o povo que aqu
Poderá se abastecer de "madeira
Poupai-me por favor vosso palav
De nomeações e títulos.
A reputação de um único gen
Significa: dez mil cadáveres

Ts ao Sung (870-9

DIA DO SOLDADO, DIA DO COITADO

No dia 25 de agosto tradicionalmente "comemora-se" o dia do soldado. Como atividade final da Semana Libertária, o Movimento Anarquista do Rio de Janeiro organizou um protesto antimilitarista nesta *gloriosa* data. Anarquistas se fizeram presentes, num domingo de sol, com faixas e cartazes.

Em passeata percorremos todo o aterro do Flamengo – centro do Rio – gritando palavras de ordem contra o serviço militar e anti-fascistas. Os milhares de panfletos que tínhamos logo acabaram e, como é comum para nós, não encontramos destes panfletos jogados fora. O aterro estava cheio de gente que curtia seu lazer. Chamamos bastante atenção com nossa manifestação. Ao passarmos em frente do Monumento aos Mortos da Segunda Guerra, local de uma exposição militarista, a imprensa nos fotografou a valer. Porém, como já sabíamos, nada foi publicado pelos jornais.

Em nossa passeata, deixamos bem claro que somos contra todos os gastos militares e contra o serviço militar.

Caveira usada como troféu pelos aliados na 2ª Guerra

A população, excetuando-se os imbecis de sempre, compreendeu e solidarizou-se conosco. Foi transparente um sentimento de que a militarização e as guerras são males inaceitáveis e inúteis. Afinal são poucos os que se dizem a favor das guerras. Numa tradição anarquista bradamos: **Os soldados são filhos do povo, os generais são filhos da ...**

A FARSA DO 7 DE SETEMBRO

Várias manifestações marcaram o 7 de setembro em todo o país. No interior do Rio Grande do Sul, ocorreram protestos contra a baixa qualidade do ensino, a poluição e a corrupção do governo. Estudantes boicotaram os desfiles, preferindo passeatas nos bairros das escolas.

Em São Paulo, 17 anarco-punks foram presos enquanto faziam uma passeata anti-militarista. Com faixas contra o serviço militar e os gastos bilionários com armas. A polícia os reprimiu com violência em sua demonstração pacífica. Os punks gritavam palavras de ordem como: "Pela vida pela paz, armas nunca mais e militares nunca mais."

Um grupo de 50 meninos de rua, em Salvador, fez parar o desfile militar, duas horas antes com sua manifestação.Os punks de Salvador, com suas bandeiras negras repudiaram a farsa da independência.

Em uma manifestação tranqüila e criativa, o Movimento Anarquista no Rio, chamou a atenção da população que aproveitava seu feriado na Quinta da Boa Vista. Com bastante material e passando muitas mensagens escritas a giz no asfalto, foram abordados pela população curiosa, que a todo momento parava para conversar.

A violência do Estado atinge anarquistas no 7 de setembro

TRABALHO ESCRAVO

O Centro de Direitos Humanos de Cáceres, denuncia trabalho escravo na Fazenda Continental, município de Juína, noroeste de Mato Grosso, a 805 Km de Cuiabá.

Os mortos até agora são: Hênio Farias, Doralice Arguero e Antônio Silva, atingidos pela malária e que não foram socorridos. São aproximadamente 300 trabalhadores submetidos, com 21 fugas até o momento.

Também em MT, entre os municípios de *Lambari* e *Caramujo*, na *Usina* de *Álcool* COPEBA, 93 trabalhadores estão sendo tratados como escravos. Impedidos de sair por "débitos com a compra de gêneros alimentícios" junto à própria Usina. Capangas armados vigiam constantemente os trabalhadores.

Não são as primeiras denúncias sobre trabalho escravo, que publicamos em nosso jornal (e só estamos no número 4!). É cada vez mais clara a necessidade de nos unirmos em torno de uma proposta de ação coletiva, que imponha resistência eficaz contra os neo-escravocratas.

Ainda que a solução definitiva seja mesmo uma Revolução Social, podemos hoje, através de uma proteção mútua, nos defendermos solidariamente. Uma Confederação Operária que defenda todos os trabalhadores, isenta de líderes carismáticos, seria um começo para que todos, sem exceção, participassem.

Pela vida e liberdade dos trabalhadores, pela vida de todos nós trabalhadores! Escravizados de uma forma ou de outra, precisamos somar nossas forças e darmos fim às práticas escravagistas em todos os lugares!

LIBERDADE PARA OS PRESOS POLÍTICOS

Conforme informamos no **Mutirão nº 2**, os quatro camponeses acusados da morte de um Policial Militar, nas manifestações de agosto de 90, em Porto Alegre (RS), continuam presos.

Segundo o Movimento Sem Terra do Rio Grande do Sul (MST-RS), os *habeas-corpus* foram negados, com a justificativa dos acusados pertencerem ao MST, considerado ilegal. Isso demonstra que a prisão dos trabalhadores é política, visando somente reprimir o MST.

Os camponeses ficaram dez meses sem nenhuma resposta por parte da justiça. Agora podem se considerar presos "legais". Mesmo assim, sequer foram julgados, apesar de terem completado um ano atrás das grades, no dia 8 de agosto/91. Várias manifestações foram organizadas em todo país, pela libertação dos camponeses, mas a arrogância e covardia das autoridades permanece inflexível.

O grupo **Mutirão** reinicia, com todo gás, a campanha pela libertação dos camponeses Otávio Amaral, Carlos Gowaski, Idone Bento e Augusto Moreira. O *crime* foi ter resistido dignamente à violência fardada contra suas famílias indefesas. Faça abaixo assinados e recolha o maior número de assinaturas, que devem ser remetidas, se possível com procedência (bairro, grupo, escola etc), A/C do **Jornal Sem Terra-RS**, Rua São Luiz, 640 - Bairro Santana - Porto Alegre - RS - CEP 90620.

Já é hora de exercitarmos a resistência social frente à violência do Estado. A *solidariedade* ativa dos trabalhadores é a proposta anarquista de segurança popular. Divulgue e colabore com esta luta.

RECONSTRUINDO O ANARCO-SINDICALISMO

No Brasil, a primeira forma de consciência sindical foi o **anarco-sindicalismo**. No início do século XX, os sindicatos começaram a aparecer. A maioria de seus membros era trabalhadores que visavam apenas defender-se coletivamente das explorações, mas a parcela mais combativa e capaz de unir a classe era constituída de anarquistas.

Estes militantes operários procuraram, a partir das lutas sindicais e sem mediações políticas, derrubar o regime capitalista, o Estado e todas as formas de exploração. Contrários a qualquer autoridade que não seja de uma assembléia e, mesmo a todo poder delegado, recusaram qualquer forma de organização centralizada.

Promovem em 1906 o Primeiro Congresso Operário Brasileiro. São suas as teses que prevalecem sobre o modo de organização – federalista, voluntário e descentralizado – e funções – resistência econômica, luta de classes, recusa do assistencialismo, da ação parlamentar e dos partidos políticos.

Em decorrência do êxito do 1º Congresso, cria-se em 1908 a **Confederação Operária Brasileira (COB)**, reunindo cerca de 50 associações sindicais de todo o país. A **COB** passa a editar o jornal *A Voz do Trabalhador*, noticiando as lutas dos trabalhadores no Brasil e no mundo.

Os anarco-sindicalistas deflagraram a primeira Greve Geral em 1907, pelas oito horas de trabalho. Em 1917 são eles que promovem a Grande Greve Geral que colocou São Paulo nas mãos dos operários, por várias semanas. Na década de 20, os anarquistas são violentamente reprimidos e perseguidos. Várias centenas de militantes libertários foram deportados ou morreram de fome e malária, no campo de concentração Clevelândia, no extremo norte do país.

Em 1930, Getúlio Vargas chega ao poder, e impõe a lei de sindicalização, que proíbe toda propaganda revolucionária nos sindicatos. A partir de 1934 proíbe a existência de sindicatos livres, e cria o imposto sindical. O mentor intelectual destas mudanças foi Lindolfo Collor, Ministro do Trabalho. Em 1937, Vargas dá um Golpe de Estado e implanta uma ditadura fascista, nos moldes do fascismo italiano. Entre outros fatores do esvaziamento sindical, podemos citar o papel dos comunistas de apoio ao governo, a propaganda reformista, a criação de sindicatos sustentados pelo Estado e a repressão contra o Movimento Anarquista, tanto pelos agentes do governo como por membros da *tcheka* – polícia política do PCB.

De lá para cá nada mudou. Os sindicatos continuam atrelados à normatização do Estado. Tanto que nenhuma conquista verdadeira foi conseguida. Os sindicatos são, hoje, aparelhos de colaboração com os poderes públicos. São mantidos distantes dos trabalhadores e não dependem da contribuição voluntária de seus associados para existir. A legislação lhes garante recursos suficientes e, ainda, a lei dá-lhes privilégios de monopólio à representação de uma categoria profissional.

Porém, navegando contra a maré, o sindicalismo vive mais uma vez, expectativas positivas quanto aos seu desenvolvimento. Com a realização, em maio de 1986, do Primeiro Congresso dos Núcleos Pro-**COB**, os anarco-sindicalistas lançaram a bandeira da reconstrução da **COB**.

Queremos reconstruir a **Confederação Operária Brasileira**, com a finalidade de auxiliar a emancipação da classe trabalhadora. Praticar o anti-autoritarismo em todos os níveis, seja no mundo intelectual e moral, seja no mundo político, econômico e social. Com um princípio conciso de amor antes de tudo à Liberdade e à Justiça, e que reconheça que toda organização baseada na negação, ou mesmo em qualquer restrição deste princípio, deve necessariamente levar à iniquidade ou à desordem. Compreendendo que não existe liberdade sem igualdade e que a realização da maior liberdade na mais perfeita igualdade de direitos é, de fato, a justiça. Acreditamos que a organização operária fundamentada sob um princípio de liberdade e de justiça. Tem por finalidade, estabelecer uma sociedade onde o produto do trabalho útil de todos seja, verdadeiramente, direito e posse de todos.

O movimento pela reconstrução da **COB** foi iniciado em 1986. Articulado por núcleos que funcionam em Bases de Acordo, visa o exercício de uma sociedade livre. Se organiza não mais de cima para baixo, por via de uma unidade forçada. Parte do indivíduo livre, da associação livre e da comuna autônoma, de baixo para cima, através de Federação Libetária.

É hora de intensificarmos a propaganda anarco-sindicalista no Rio de Janeiro. De somarmos esforços com a principal organização libertária a nível nacional. Criar e desenvolver núcleos anarco-sindicalistas é uma das prioridades para colocarmos o Movimento Anarquista no eixo das lutas sociais desta década.

Texto baseado no folheto *Reconstruindo a COB*

CUBA: OS ANARQUISTAS ESQUECIDOS

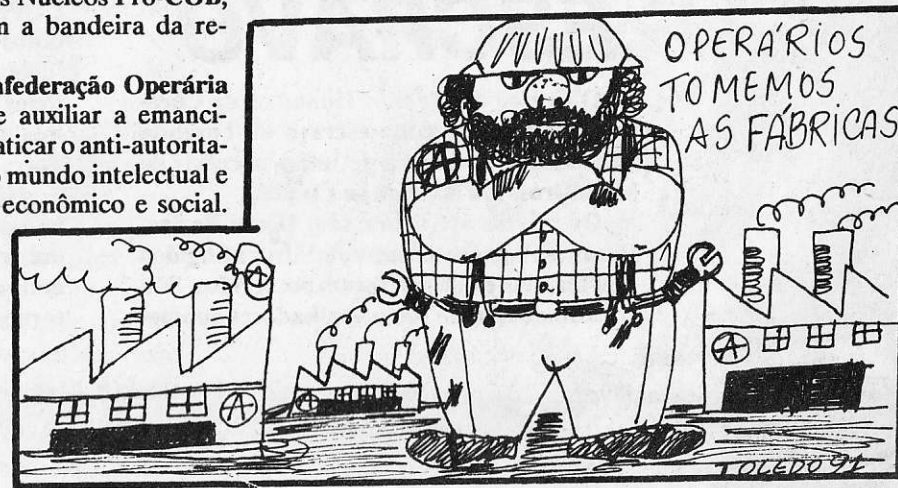
No fundo de uma cela, numa das mais famosas prisões cubanas, se encontra um militante anarco-sindicalista que acredita ter sido esquecido para sempre. Angel Donato Martinez é um dos poucos membros que restam do GRUPO ZAPATA, um coletivo anarco-sindicalista que apareceu no início dos anos 80, para desafiar as práticas estalinistas do regime.

O grupo era seguidor da tradição dos grandes revolucionários mexicanos Emiliano Zapata e Ricardo Flores Magón, participando ativamente das agitações industriais e sindicalistas. Como os sindicatos livres não são tolerados na ilha, seus militantes viram-se obrigados a serem clandestinos. Em 1982 houve várias greves de grande escala, quando as autoridades decidiram livrar-se dos ativistas. A polícia atuando sem estardalhaço, capturou 20 membros do GRUPO ZAPATA, acusando-os de organizar sindicatos independentes e de sabotagem industrial.

Um dos 20 detidos, Caridad Parón, morreu naprisão vítima de torturas aplicadas no temido Centro de Interrogatórios de Villa Marista. Outros cinco ativista foram condenados a morte. Imediatamente, através de exilados cubanos, iniciou-se campanha internacional de protesto e solidariedade. Devido às pressões vindas de todo mundo, as penas foram comutadas, para longas penas de prisão.

Hoje é conhecido o destino de apenas um dos anarquistas, Donato, sendo que os outros podem estar presos ou mortos. Acredita-se que Donato pode estar no cárcere de Combinado Del Este, próximo de Havana. Sobre sua saúde, nada se sabe.

Em Cuba, os anarquistas e sindicalistas agrários que reivindicam Liberdade, Terra e Coletivização, vem sendo perseguidos, presos e, frequentemente mortos. Vários anarquistas foram assassinados por esquadrões da morte e outros, como os irmãos Carlos, Jorge e David Cardo, Jesus Varda, Israel López Toledo e Timoteo Lugo, foram condenados a 30 anos de prisão. Tudo isso representa apenas uma pequena fração da luta anarquista e sindicalista em Cuba. As ações tem sido isoladas mas contínuas, havendo um esforço muito grande, principalmente através dos exilados, em divulgar internacionalmente essa luta.

Redigido por BLACK FLAG (Inglaterra)
Extraído da revista EKINTZA ZUZENA (País Basco)

CUT EXPLORA TRABALHADORES

Diretoria pelega! Me demitiram arbitrariamente e tiraram o leite do meu filho!" dizia o cartaz pregado no 17º andar, no Sindicato dos Bancários. No mesmo local, acampavam 20 funcionários do Sindicato. Três andares acima, encastelados na sala da presidência, a diretoria tentava encontrar uma solução para a greve dos funcionários do Sindicato (filiado à CUT, diga-se de passagem), que já passava do 34º dia. Os líderes sindicais foram acusados de se portarem como *novos* patrões, ao adotar posturas que sempre combateram no discurso.

"As direções dos sindicatos estão se burocratizando. Os nossos líderes já não são os mesmos. Somos obrigados a lutar, dentro de nossas entidades, contra o quê combatemos externamente: arrocho salarial, abuso de poder, relações patronais e autoritarismo" disse um funcionário do Sindicato dos Servidores Públicos federais.

"Esta paralização é a mais longa de todas. Estamos parados há 33 dias e só conseguimos 20 minutos de negociação com a Diretoria da entidade. Os nossos salários foram cortados. Até o Collor pagou aos professores das universidades durante a greve, que durou mais de 70 dias. E, a nossa Diretoria, integrada por uma articulação entre o PCB, PDT, PC do B e PT, nos deixou a ver navios" ironizou o representante da Comissão dos Funcionários do Sindicato. A greve no Sindicato dos Bancários começou no dia 29 de julho, uma hora após a Direção do Sindicato demitir 38 funcionários, ignorando o Plano de Garantia de Emprego (PGE). "As demissões representam uma economia de cerca de 20% da receita" argumenta o Diretor Executivo do Sindicato dos Bancários, Carlos Augusto Aguiar, que pensa como um patrão: "o dinheiro no Banco é mais importante que os trabalhadores".

Nós, anarquistas, sempre alertamos para a transformação dos líderes sindicais em *novos patrões*. O poder corrompe as pessoas. Qualquer um que assuma cargo de direção, pode se transformar em um novo opressor.

Os trabalhadores, porém, têm uma saída: construir sindicatos sem diretorias, onde todos decidam tudo, sem delegar poderes ou responsabilidades. Somente assim poderão evitar a hierarquização e burocratização das entidades. Onde todos se ajudem uns aos outros, de igual para igual, sem *líderes*, sem *centralismo democrático* e sem *partidos políticos*. Somente através de sindicatos livres e revolucionários, que pratiquem a **Autogestão**, os trabalhadores poderão libertar-se da opressão dos patrões, tanto faz de esquerda como de direita.

TIMOR-LESTE

Nossos irmãos distantes

No arquipélago de Sonda, um pouco ao norte da Austrália, está a ilha de Timor, a mais remota e desconhecida das antigas colônias portuguesas. No início do século XVI, navegadores portugueses deram nas praias de uma verde e montanhosa terra, povoada por gente primitiva e distante das rotas comerciais, o que não despertou interesse de colonização. Apenas no final do mesmo século, missionários dominicanos iniciaram a ocupação e cristianização da ilha, conseguindo bastante sucesso em transformar os arredios indígenas em *bons cordeiros do Senhor.* Essas terras, até o início do século XVIII, foram administradas pelos padres portugueses, que, não podendo conter a invasão holandesa, passaram o poder ao governo colonial lusitano. A ilha, já então dividida, cabendo a Portugal sua parte leste (cerca de 19.000Km2), prosseguiu pelos anos seguintes na sua rotina de colônia, que nós tão bem conhecemos. No início deste século, as populações nativas se revoltaram contra o governo colonial, que foi *obrigado* a controlar a situação a fio de espada. A resistência dos indígenas nas montanhas foi heróica, causando sérios transtornos aos portugueses, que somente em 1912 dominaram a situação, não sem antes massacrar milhares de *selvagens.*

Timor-Leste tornou-se independente em 1975, no rastro da Revolução dos Cravos, mas o sonho de autonomia durou muito pouco. Em dezembro do mesmo ano, tropas do exército da Indonésia tomaram o jovem país para não mais sair.Desde então, continua o drama do povo de Timor-Leste, vítima de um deliberado genocídio por parte dos militares fascistas da Indonésia. Mais de 200.000 dos 600.000 habitantes da ex-colônia já foram mortos sob o fogo das armas, sob tortura, pela fome e doenças agravadas após a ocupação. A ONU na época condenou a invasão, mas diferentemente do Kuwait, nunca mais se manifestou.

A FRETILIN (Frente Timorense de Libertação Nacional), originalmente de linha marxista-leninista, hoje de caráter nacionalista, segundo seu líder Xanana Gusmão, vêm empreendendo há muitos anos uma resistência não armada frente às tropas de ocupação. As forças de segurança indonésias são constantemente acusadas nos relatórios da Anistia Internacional, de prisões ilegais, torturas e assassinatos. Estudantes como Aleixo Gama; funcionários públicos, como os irmãos Adão e Carlos da Purificação, entre centenas de outros casos, foram presos e torturados acusados de simpatizarem com a FRETILIN. Kasa Bui, uma mulher de trinta anos, foi assassinada e cortada aos pedaços em 29/09/90, por militares do 509º Batalhão do Distrito de Viqueque.

São nossos irmãos tão distantes, desconhecidos por nós e completamente esquecidos pelo mundo. Podemos fazer um mínimo que seja, um pequeno gesto de solidariedade, escrevendo para a Embaixada da Indonésia protestando contra o massacre deste povo e exigindo o fim da ocupação.

Exmo. Dr. Soetadi
Embaixada da Indonésia
SES, Av. das Nações, Lote 20
70200 Brasília - DF

FAMÍLIA E ALIENAÇÃO

A maior inimiga de uma ordem social imposta é, sem dúvida, a diversidade. É extremamente perigoso, para as estruturas hierárquicas e autoritárias de poder, que o indivíduo possa explorar sua originalidade na busca de diferentes formas de ser e agir, diante das circunstâncias apresentadas a cada momento. O controle social, para ser eficaz, precisa que comportamento e desejo individuais sejam orientados por alguns padrões que os tornem previsíveis e, como tais, manipuláveis. Em outras palavras, podemos afirmar que a permanência de uma ordem social imposta depende da transformação de indivíduos originais e únicos em uma massa uniforme.

Dizer isso é afirmar, desde já, a descrença em relação a qualquer projeto partidário de transformação social que pretenda a simples substituição de uma ordem social imposta por outra. Afinal, seja em nome do mercado, como praticam os capitalistas, ou em nome do Estado, como pretenderam os socialistas autoritários, a originalidade do indivíduo precisa sempre ser esmagada.

Buscar a origem desse processo de caça a originalidade individual é tarefa fácil. Basta recordarmos nosso tempo de escola, mais especificamente aquela primeira aula de Educação Moral e Cívica, onde aprendemos e repetimos, para orgulho de nossos pais, mestres, patrões e governantes, que a família é a *celula mater* da sociedade. Até aqui nenhuma novidade, já que qualquer pessoa menos alienada sabe que a sociedade nada mais é que os indivíduos que a formam e que a família é a responsável pela formação do indivíduo. O que cabe aqui é entendermos como, em nome de um pretenso amor pelos seus membros, a família faz o trabalho sujo de criar submissos prontos a aceitar a ideologia do sacrifício.

A família é responsável pela socialização primária da criança e, a seguir, pelos processos de estabilização da personalidade adolescente e adulta do indivíduo. Se, infelizmente, não houver qualquer desvio neste processo de doutrinação, a família deve conseguir reproduzir para seus filhos a realidade social, com seus valores e suas normas de comportamento.

Segundo o antipsiquiatra David Cooper, "o poder da família reside na sua função de mediação social. Ao proporcionar a todas as instituições sociaias um paradigma de fácil controle, ela reforça o poder efetivo de classe dominante, seja qual for a sociedade onde ocorra a exploração."

Cooper faz essa afirmação ciente de que sendo a alienação a regra número um que permeia toda a vida social e que permite a exploração, ela é também o principal elemento reproduzido nas relações micro-universo familiar. A alienação, como cerne da questão da massificação do indivíduo, justifica uma outra afirmação de Cooper: "na realidade, o que se ensina a criança não é como sobreviver na sociedade, mas como se submeter a ela."

Uma das lições preliminares aprendidas no decorrer do condicionamento familiar é que o indivíduo não é auto-suficiente para existir no mundo por si só. Desde os primeiros meses de idade, o indivíduo é colocado numa posição de insegurança existencial. Impedido de experimentar a plenitude da sua individualidade, sua existência parece a de um objeto nos sistemas geométricos da necessidade de outros membros do grupo familiar.

Paralelamente a negação do próprio **eu** em nome da aceitação no grupo, o indivíduo se vê obrigado a encarnar um papel social como a única forma de experimentar a sua existência. Mas viver um papel social é corporificar necessidades e expectativas alheias. Temos aí a alienação primária, ou seja, a ação pessoal que deveria ser uma expressão da individualidade do sujeito passa a atender a finalidades socialmente impostas.

Podemos, então, definir a imposição de um papel social como o passo mais importante para a massificação do indivíduo. A partir daí ele estará cada vez mais alienado dos seus desejos e necessidades reais e pronto para trilhar o caminho da normalidade, que consiste em ter sempre os outros como referencial.

As consequências desse processo de substituição forçada do referencial pesoal (prazer), por um referencial social (sacrifício), são claras. Temos aí um cidadão normal que cumpre com seus deveres com as instituições, que obedece as leis e elege representantes, que segue as modas e idolatra os ídolos da sociedade de consumo, que vive o sexo em migalhas, que violenta seus filhos enquanto canta hinos de louvor a pátria, que frequenta igrejas e sonha com paraísos para depois da morte. Temos, enfim, uma pessoa que, privada de seus verdadeiros anseios, não se vê como produtora de sua própria realidade e aceita a exploração e a **não-vida** como único caminho.

Buscar o nosso referencial pessoal é o primeiro passo para nos tornarmos sujeitos de transformação da sociedade. Destruir a família nuclear burguesa é o segundo passo, e é preciso ter claro que enquanto ela for a *celula mater* da sociedade, não podemos ter a ingenuidade de aspirar a uma sociedade livre.

BREVE HISTÓRICO DAS LUTAS CAMPONESAS

LUTAS CAMPONESAS

As lutas no campo, pela posse da terra, foram iniciadas quando os primeiros colonizadores europeus aqui chegaram, em 1500. Logo as primeiras vítimas foram as tribos indígenas que, acuadas, refugiaram-se pelo interior das selvas, a fim de evitar o extermínio e o contato destruidor com o invasor branco.

Já no período da escravidão negra, as revoltas foram incitadas por lideranças tribais que, ao fugirem do cativeiro criaram os **Quilombos**. Estes grupos organizaram-se em comunidades livres no campo, convivendo autogestionariamente, tanto para a vida econômica como para a defesa contra os ataques de tropas e expedições dos brancos. Entre outros, podemos citar o mais famoso, **Quilombo dos Palmares**, com quase cem anos de luta e resistência, isto no século XVII.

No século XIX, com o fim da escravidão negra, as lutas vão se localizar na Bahia, entre 1896 e 1897, com a **Insurreição de Canudos**. Um beato chamado Antonio Conselheiro funda uma comunidade pacífica e igualitária, onde interpretava a seu modo as escrituras bíblicas. Por sua desobediência ao governo federal, a comunidade foi dizimada pelo exército, após brava resistência. Tais fatos foram registrados por Euclides da Cunha em *Os Sertões*. Entretanto o maior confronto entre o exército e camponeses foi a **Guerra do Contestado**. Entre 1912 e 1916, nas regiões do Paraná e Santa Catarina, mais de 3.000 pessoas perderam a vida em combates.

O interior de São Paulo foi palco de várias lutas, especialmente por imigrantes italianos e espanhóis que lá se instalaram. Em 1911, em várias fazendas da região de Bragança, cerca de onze mil trabalhadores entraram em greve por vinte de dias, pleiteando melhores condições de vida. Em 1912, em fazendas de Ribeirão Preto, através das greves várias melhorias foram obtidas. Porém, na mesma área, em 1913, apesar do movimento reivindicatório ser o maior de todos, houve derrota total das conquistas dos trabalhadores.

ATUAÇÃO DAS LIGAS CAMPONESAS

Nas décadas de 1950 e 1960, as lutas no campo atingiram dimensões nacionais. Com a fundação das **Ligas Camponesas**, criadas inicialmente como sociedades beneficentes para o auxílio-funeral de lavradores, espalharam-se rapidamente pelos estados do nordeste. Organizadas em torno dos *Foreiros* lavradores que produzem em terra alheia devendo pagar o *Foro*, anualmente, ao proprietário da mesma, assim como de moradores, arrendatários e pequenos proprietários, unidos contra os latifúndios.

As **Ligas Camponesas** nasceram em 1950, no Engenho da Galiléia, Pernambuco. Desde seu início, *foram fortemente combatidas pela Igreja Católica*. Em 1963 ocorreram 48 greves, debeladas com muita repressão e assassinatos de lavradores. João Pedro Teixeira, em Sapé e Antonio Cícero, em Bom Jardim, foram as primeiras vítimas conhecidas. Com a institucionalização da Ditadura Militar, em 1964, as **Ligas** foram dizimadas e seus membros perseguidos.

O ditador Castelo Branco enviou ao Congresso, um Estatuto da Terra com o objetivo de promover uma reforma agrária. Porém o máximo que se fez foi incentivar os movimentos migratórios, em direção a Amazônia.

O número de assassinatos de camponeses até 1982 chegava a 154; em 1986 a 302. Na verdade, de 1964 até 1986, mais de 1.400 pessoas perderam a vida nas mãos de pistoleiros contratados por latifundiários.

A SITUAÇÃO ATUAL E OS MOVIMENTOS DA LUTA NO CAMPO

Destacaremos agora os principais movimentos no campo, com suas características próprias que o Estado tenta desarticular, quer pela ação repressiva, quer pela sumária ignorância dos acontecimentos.

Povos Indígenas - A Amazônia é o último reduto do índio no país. É lá que eles lutam pela demarcação de suas terras. Lutam contra a invasão do homem branco e grilagem das terras **já demarcadas**. Lutam contra garimpeiros e empresas de mineração e madeireiras. Sofrem constante assédio das seitas religiosas, que nada mais são que garimpeiros disfarçados em organizações beneficentes.

Posseiros - São camponeses que possuem terras devolutas, sem serem proprietários das mesmas. Os posseiros derivam dos movimentos migratórios que buscam terras para subsistirem, fugindo da proletarização. Há pelo menos um milhão de posseiros no Brasil, concentrando-se principalmente no Nordeste mais de 60% desse contingente. A luta dos posseiros dá-se, principalmente, contra os *grileiros*. Tais elementos, apresentam documentos falsos de que naquelas terras devolutas não há existência de posseiros ou índios, obtendo, assim, propriedade da terra através de "registros legais". A partir disso acontece o absurdo jurídico: índios e posseiros são considerados invasores de propriedade titulada. Em 1985, dos conflitos do campo, 85% tinham posseiros envolvidos, com a morte de 125 pessoas.

Insurreição camponesa de Canudos

Peonagem - Na esteira dos grandes projetos agropecuários da Amazônia Legal, a necessidade de mão-de-obra é muito grande. Os empresários destes projetos lançam mão da peonagem ou trabalho escravo. O *gato* (empreiteiro) arregimenta trabalhadores de regiões pobres, com a promessa de bons trabalhos, salários compensadores, alimentação e moradias. O peão é transportado para locais isoladas, quando percebe que tudo era falso. É obrigado a permanecer escravo, pois com seu salário não consegue saldar suas dívidas contraídas com viagem, alimentação, moradia etc. As maiores áreas de peonagem estão localizadas no Pará, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e alguns lugares do interior de São Paulo e Rio de Janeiro. Entre alguns grandes grupos que se beneficiam do trabalho escravo estão a Volkswagen, Grupo Votorantin (aquele do Antonio Ermirio de Moraes), Bradesco, Bamerindus e os empresários Geremias Lunardelli, o ex-Ministro Alyson Paulinelli, entre outros.

Movimento camponês contra as desapropriações de terras pelo Estado - É a luta dos camponeses contra a desapropriação de terras e cidades, quando da construção de barragens como Itaipú, Sobradinho e Itaparica. O movimento visa assentamento em terras produtivas e indenizações justas, além da luta contra a política agrária discriminatória.

Bóias-Frias - São lavradores que expulsos de suas terras, recebem como trabalhadores assalariados, em trabalhos de empreitada. A designação de *Bóias-Frias* é porque comem a comida em marmitas que levam para o campo. Há muitos bóias-frias em fazendas de cultura de laranjas, cana-de-açúcar e café. Recebem salários extremamente baixos, daí a quantidade de movimentos reivindicatórios e a formação de sindicatos. Organizam-se a partir das cidades onde habitam. Há a possibilidade desses movimentos expandirem-se num futuro próximo, pois a exploração capitalista no campo tende a ampliar o salariato, sobretudo nas áreas de industrialização da agricultura.

TERRA NÃO SE GANHA, TERRA SE CONQUISTA

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - Apresenta uma nova forma de luta, através da ocupação de terras em acampamentos. Representam um avanço no nível de organização e de objetivos. Não desejam a terra como fonte individual de trabalho mas, sim, como espaço de produção coletiva pelos próprios trabalhadores, muito próximo da **Autogestão.** Algumas experiências significativas estão sendo efetuadas em Nova Ronda Alta, no Rio Grande do Sul; em Sumaré e Porto Feliz, interior de São Paulo. Apesar de apoiados por setores da Igreja Católica (Comissões Pastorais da Terra), não possuem qualquer vínculo com essa Instituição. Estão ligados, porém à CUT, onde mantém uma Secretaria Nacional.

Todos estes movimentos vêm sofrendo forte repressão. Muitas mortes e prisões políticas têm ocorrido. Embora surgidas das reais necessidades dos camponeses, estas lutas são parasitadas por organizações alheias, que as utilizam para auto-promoção.